

Correio Popular
**ORQUESTRA OU
 FILARMÔNICA?**

M. B. TAMASSIA

Quando dezessete anos atrás, aportamos em Campinas, aquilo que nos produziu sensação mais desagradável foi a ausência de ambiente musical. O próprio Teatro Municipal era um edifício mal cuidado e as nossas passadas no seu piso faziam-nos lembrar velhas igrejas tombadas pelo Patrimônio Nacional, mas esquecidas deste. Eu havia com o arquiteto Renato Righeto projetado uma casa na qual as portas se abrissem dentro e se formassem ambientes musicais. Uma década atrás eu morava em Ribeirão Preto e, por toda parte, havia encontrado uma atmosfera de musicalidade. Numa residência cantava-se, noutra se faziam serões musicais e, no Teatro Pedro II, muito imponente, que se devia a uma iniciativa da extinta Companhia e Cervejaria Paulista, tendo à testa os Meira e os Rossi, havia sempre promoções. De fora, estavam sempre chegando musicistas, músicos e maestros, sempre recebendo boa acolhida musical. Em minha casa, quantas vezes Armando Bellardi não empunhou o violoncelo e três ou quatro violinos, flauta, num instante, formavam uma pequena orquestra. Isto era tão típico que quando chegava, no local uma figura importante histórica ou política, sendo Ribeirão Preto um pequeno centro, acabávamos levando o personagem a uma reunião musical qualquer, onde se cantava e se tocava. Aquele herói nacional, da travessia do Atlântico, no hidroavião Jaú, todo o tempo que passou por lá, frequentou a casa do professor Pedro Macedo de Miranda que, embora perdido numa confusão e profusão de objetos, retratos, partituras, souvenirs, fazia da sua saleta, por força de milagre do coração, um humilde salão Pleyel.

Não havia qualidade, mas efusão musical. Tanto que, quando o célebre tenor Mário Lanza lançou o concurso O Grande Caruso, foi dali que saiu um dos mais sérios competidores, o tenor ainda rapazinho, Moacyr Caram, hoje marido dessa portentosa Helly Anne, mezzo soprano, que tem estado em nossa casa, aqui, e que a Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, em boa hora, engajou no seu elenco, tendo participado, agora da 9.ª Sinfonia de Beethoven.

Aquela musicalidade se estendia, naquela época, por todos os cantos e até mesmo convertia-se nas mais belas serestas que me foi

dado assistir e delas participar, em que os melhores músicos da Sinfônica saíam pelas ruas tocando, sendo recebidos nas mais finas residências, com tal interesse e carinho, de que nunca mais me esqueci.

Em Campinas já eu não encontrava tal ambiente, a tal ponto que o próprio Teatro Municipal foi, sem qualquer cerimônia, derrubado e chegamos a nem ter mesmo onde colocar a orquestra do prof. Túlio. Prevalencia, não um entusiasmo generalizado, mais disposição individual de criaturas como um Monsenhor Salim, que buscava aglutinar músicos e fazer qualquer coisa, bem como famílias tais como a Ziggiatti, dizendo arte por todos os poros, os bravos Di Túlio, os Urbano, etc.

De resto solidão e ilhamento. No entanto, depois do inverno, segue-se a primavera, no ciclo da natureza. Também, em Campinas deu-se esse renascimento que poderia muito bem ser simbolizado na «Cantata da Primavera» de Orlando Fagnani. Até este mesmo viu-se envolvido por insopitável força criativa. Niza de Castro Tank alçou-se até mesmo no cenário internacional e surgiu a sociedade «Scala». Um homem de compleição delicada, quase sem músculos, um David, surgiu no écran, o Maestro Benito Juarez. Ele cresceu como o gênio, antes amarrado, que Aladim permitiu saísse da lâmpada maravilhosa. E esse homenzinho se ergueu de tal forma que lhe chegaram os aplausos da crítica nacional, estendendo-se, lógico, à Orquestra Sinfônica campineira. Ele é capaz de grandes feitos, com que ainda não sonhamos. Sobretudo, um missionário. O próprio Carlos Gomes que, cheio de mágoa da sua gente, virara poeira no caixão, despertou. Chico Xavier pôde vê-lo e nós, também, senti-lo por vias medianímicas, profundamente grato a sua terra natal.

Agora, quando lemos proposições para remediar a posição da Sinfônica, por motivos financeiros, pedimos a Deus que busquem um caminho, mas com sinceridade e honestidade, sem **mistificação**. Não é fácil fazer as coisas simples desmanchá-las. Não negamos que a municipalidade tenha de atravessar a ponte estreita da indigência e que o amigo Francisco Amaral mereça nossa simpatia, porque é aquele que vai pagar tantos benefícios que estamos usufruindo. Mas... que, em forma de filarmônica, fundação ou repartição, haja o mais absoluto cuidado, objetividade e sinceridade de propósito.